



Confraria celebra a amizade e bate palmas para a nova idade de Armando Ferreira

● PAG. 6



Aniversariante da primeira semana de março, Armando Ferreira ganhou aplausos da Confraria no almoço do Rio Poty Hotel

Encontro no verão carioca do PH com Jacinto de Thormes, o pioneiro da crônica social inteligente

● PAG. 8

Reprodução / Jacopo Raule/Getty Images



NA SEMANA
de moda de Paris os maranhenses amaram ver a menina de Imperatriz, Rayssa Leal, 15 anos, usando a sofisticada grife Louis Vuitton e representando o skate brasileiro em um evento tão importante para a moda, mostrando que o nosso skate vai longe e que ela está abrindo aminhos para tantas outras skatistas do país

PAGS. 4 e 5

Grandes cidades temos muitas. Nova York é a metrópole alicerçada pelo dólar, mas Paris é insuperável. Em Paris viveram Proust, Victor Hugo, Balzac, Zola, Sartre, André Gide, o cinema nasceu em Paris. Tem a Ópera, a Bastilha com o grito de igualdade, liberdade e fraternidade. Existe um grande passado na sua estrutura e a cidade, como certas pessoas, nos conquista no primeiro momento.

Sempre que começo a planejar rever Paris, pego um DVD do filme Paris, eu te Amo. São dezoito pequenas histórias, ou vinhetas, como devemos dizer, onde Paris se destaca esplendorosa como ambiente.

Apenas duas vinhetas são péssimas e nada possuem ilustrando Paris, aquelas dos vampiros e um velhote que se mete sem sentido no mundo da moda que é ridículo. Mas os outros são bons de se ver, divertimento do melhor, com doses de amor sempre presentes. Os diretores pertencem a vários países e temos até o brasileiro Walter Salles como autor de um conto.

Em Paris, eu te Amo, vários atores norte-americanos que gostam da capital francesa participam, como Gena Rowlands, Ben Gazzara e Nick Nolte, ao lado de francesas maravilhosas como Fanny Ardant e Juliette Binoche.

Ao trivializarem Paris, os cineastas conseguiram destacar as emoções, sensações, descobertas, medos, enfim, a humanidade dos moradores da cidade, que estão longe de confirmarem o pastiche "loiro de olho azul": são imigrantes, traficantes, viciados, estudantes, mães de família e demais pessoas em busca de afeto - ou seja, um

A ETERNA PARIS

não é uma cidade, é um sonho que nos conquista no primeiro momento

mosaico de habitantes do mundo todo.

Eu poderia sempre assistir ao filme como exercício de lembranças, vendo Montmartre, Pigalle, esquecendo o "banlieu" ou os subúrbios distantes, modernos imensos, feios, alguns com muita miséria. Mas aquilo não é Paris.

Paris tem sido uma festa para os artistas muito antes de Ernest Hemingway beber seus tragos e escrever O Sol também se levanta no café La Closerie des Lilas, em Montparnasse.

Há muito tempo Paris vem sendo o cenário dos apaixonados, amantes e dos enlouquecidos de amor. Vários amores que se tornaram referência para os nossos, nasceram em Paris.

A mesa, Paris é uma elegia aos sentidos. Do sabor delicadíssimo de um marron glacé ao gosto rasgado de um steak au poivre servido com batatas soubise na maioria dos restaurantes populares.

A Paris chique não é fashion nem está na onda. Ela tem estilo. Coco Chanel seria a primeira a concordar com

a afirmação. E dela esta frase: "A moda morre, mas o estilo permanece".

E o lado verde se espalha por todos os cantos da Cidade Luz. São mais de 600 mil árvores - uma para cada quatro habitantes; 400 parques, jardins e "promenades"; uma centena de jardins decorativos; 400 canteiros sobre as ruas; e dois imensos bosques cobrindo mais de 1.700 hectares.

Com tudo isso você pode chegar a uma conclusão: Paris não é uma cidade, é um sonho. E é dentro desse sonho que gosto de vagar pela noite fria de Paris pensando na bailarina de Edgar Degas que vi no Museu d'Orsay. Cada qual tem um enigma que transcende meu pensamento, o supositório que algum doente terminal está recebendo em apartamento hospitalar e os áspersos monumentos que a história tece com dedos enrolados em gaze.

No museu, a moça de Degas é companheira de faraós egípcios, deusas da Índia e assombros budistas do Ja-

pão. E dialoga com uma figura de Rembrandt, perdida entre a poeira e o chiaroscuro da pintura setecentista do holandês sutil, ou talvez com as criaturas de Monet ou Picasso, contemporâneas e mais decifráveis.

Se estou me lembrando das pérolas da visita ao Museu d'Orsay, pela janela do hotel pressinto Paris crescendo dentro da noite que acende e apaga. Enquanto no Brasil as cidades estão desonradas pelo painel onde se escreve a imutável tolerância com a política geralizada, Paris é tradição e, também, desenvolvimento. Por isso se ouve o barulho dos guindastes que transportam materiais de construção em meio ao boom de investimentos privados e públicos.

Minhas noites em Paris têm sempre para mim um encanto especial. Tem a bailarina de Degas que se dilui em um rosto de pincéis de sombras, mas isso não chega a ser um protesto. Ela está orgulhosa de morar definitivamente em Paris.

Ao mesmo tempo em que se destroem templos de arte em cidades cucarachas do Brasil, no processo de erupção de supermercados ou igrejas suburbanamente universais, um simples projeto de área de cinema e centro cultural conquista milhões de euros para massagear a criatividade humana.

A bailarina de Degas dança, dança e dança alegremente em Paris. E com o coração inundado de beleza, rompo a aurora, penso em raptar uma bailarina de Degas e saio a caminhar pelas ruas orvalhadas da Paris amanehecida.

Fotos/Divulgação



Des. Lourival Serejo e o juiz Eulálio Figueiredo

LETRAS JURÍDICAS

Uma bem elaborada programação, sob a liderança do presidente Júlio Moreira Gomes Filho, festejou os 37 anos de fundação da Academia Maranhense de Letras Jurídicas, na última quarta-feira, no Plenário da OAB-MA, culminando

com a entrega dos títulos de Membro Benemérito a personalidades da área jurídica, além da outorga das medalhas do "Mérito Jurídico-Acadêmico" aos ex-presidentes da entidade.

Durante o evento, a diretoria fez a entrega da belíssima edição da

Revista da Academia.

Foram agraciados com o título de Membro Benemérito, Kaio Vycor Saraiva Cruz, Gustavo Mamede Lopes de Souza, Daniel Blume Pereira de Almeida, Bruno Castello Branco e João Paulo Borges Bichão (este, magistrado de Portugal).



Bruno Pires Castello Branco e Júlio Moreira Gomes Filho



Luís Augusto (Guto) Guterres e Tetis Sawaia, filha do homenageado in memoriam Wady Sawaia



Desembargador do Trabalho James Magno com Ana Luiza Almeida Ferro



José Carlos Sousa Silva e José Almeida Silva



Raimundo Marques e Gerson de Oliveira Costa Filho



Daniel Blume de Almeida e Júlio Moreira Gomes Filho



Sergio Victor Tamer e Kaio Vycor Saraiva Cruz

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



José Ribamar Oliveira, Armando Ferreira e o juiz Eulálio Figueiredo

CONFRARIA EM FESTA NO RIO POTY

O Rio Poty Hotel foi palco, na semana passada, de mais uma reunião da Confraria liderada pelo empresário José Walter Maciel e que celebrou em grande estilo um dos aniversariantes da primeira semana março, o gerente geral do hotel, Armando Ferreira.

Como sempre acontece, o aniversariante foi surpreendido por um bolo com velas e um coro de amigos cantando o tradicional "parabéns pra você".

Ao lado da filha do coração, Clarinha, Armando era o próprio retrato da felicidade num ambiente da maior simpatia e cordialidade.



Gustavo Camargo, Jorge Cateb Neto e Amaro Santana Leite



Luiz Campos Paes, Armando Ferreira e Nan Souza



Armando Ferreira com a filha Clarinha



Benjamin Franklin Alves e Joaquim Nagib Haickel



José Walter Maciel e o Repórter PH com o aniversariante



Arquivo

As lembranças de Paris têm um sabor especial, como esse momento único vivido em plena primavera pela top model Bianca Klamt e o Repórter PH num dos emblemáticos cafés do Quartier Latin

DOMINGO TEM O OSCAR 2023

Alô amantes do cinema ou apenas do universo das grandes celebridades! O Oscar 2023 chegou – a maior premiação do entretenimento acontece neste domingo, 12 de março. Pelo segundo ano, após a pandemia do coronavírus, a cerimônia volta para a sua casa desde 2002, o Dolby Theatre no Hollywood & Highland Center – que agora chama-se Ovation Hollywood. Aqui, fizemos um guia completo sobre o Oscar 2023, reunindo tudo o que você precisa saber sobre o prêmio: como assistir, apresentações e mais.

QUEM VAI APRESENTAR O OSCAR 2023?

Após três anos de cerimônias sem apresentadores, Amy Schumer, Regina Hall e Wanda Sykes dividiram as funções de apresentadores do Oscar de 2022. Já este ano, o bastão será devolvido a Jimmy Kimmel, que apresentou a cerimônia em 2017 e 2018. O comediante e apresentador de talk show certamente fará questão de evitar confusões daqui para frente. “Ser convidado para apresentar o Oscar pela terceira vez é uma grande honra ou uma armadilha”, brincou Kimmel, em comunicado que acompanha o anúncio em 7 de novembro de 2022. Isso porque foi em uma de suas apresentações que aconteceu um dos maiores erros do Oscar: quando anunciaram erroneamente La La Land como o vencedor de Melhor Filme, quando o ganhador era, na verdade, Moonlight.

COMO ASSISTIR AO OSCAR 2023?

No Brasil, a transmissão do Oscar 2023 será pela TNT e HBO a partir das 21h. E, a partir das 20h, os canais já irão exibir o tapete vermelho da cerimônia, com os bastidores e entrevistas com celebridades.

QUAIS SERÃO AS PERFORMANCES DA NOITE

Sim, teremos Rihanna nos palcos novamente – após sua icônica apresentação no Super Bowl. Ela, que recebeu uma indicação na categoria de Melhor Canção Original por “Lift Me Up” de Pantera Negra está confirmada para se apresentar no Oscar 2023. É esperado que se junte a ela no palco outros indicados, incluindo Lady Gaga, que está na disputa com “Hold My Hand” de Top Gun: Maverick. Lenny Kravitz, quatro vezes vencedor do Grammy Awards, foi o cantor escolhido para apresentar a performance “In Memoriam” do Oscar 2023.

COMO SERÁ A CERIMÔNIA DO OSCAR 2023?

Até o momento, pouco se sabe sobre o formato da grande cerimônia. Entretanto, em novembro do ano passado, a Variety contou em primeira mão que todas as 23 categorias serão incluídas na transmissão ao vivo de 2023.

CURIOSIDADES DO OSCAR 2023

Na categoria de Filme Internacional, a América do Sul será representada pelos nossos hermanos do Sul, com “Argentina 1985”. O favorito, no entanto, é o alemão “Nada de novo no front”, que conta com o brasileiro Daniel Dreifuss como um dos produtores. Filme Internacional: Com ‘Argentina, 1985’, país goleia o Brasil por 8x4 em indicações

SAIBA ONDE ASSISTIR A TODOS OS FILMES INDICADOS

Após dois anos de vitórias femininas – com Jane Campion (“Ataque dos cães”), em 2022, e Chloé Zhao (“Nomadland”), em 2021 – o Oscar voltou a não contar com mulheres indicadas na categoria de Melhor Direção. Apenas três diretoras conquistaram uma estatueta na categoria em 95 anos de premiação. Antes das duas citadas, Kathryn Bigelow (com “Guerra ao terror”, de 2008) era a única vencedora. Steven Spielberg recebeu sua nona indicação ao Oscar de melhor direção por “Os Fabelmans”, igualando marca do amigo Martin Scorsese. Os dois seguem atrás de William Wyler, lendário diretor de “Ben-Hur” (1959), que recebeu 12 indicações na categoria. “Os Fabelmans” rendeu ao compositor John Williams sua 53ª indicação ao Oscar. Aos 90 anos, ele se tornou a pessoa mais velha a ser indicada ao prêmio.



ELTON JOHN

em show-tributo que será apresentado em SL

A turnê de despedida de Elton John dos palcos é um marco histórico na música, não só pelo fim de uma carreira lendária de 50 anos e mais de 300 milhões de discos vendidos, mas também por ser a turnê musical mais lucrativa de todos os tempos. E para homenagear o Rocket Man, a AMZ Company traz para São Luís o maior tributo ao ícone inglês da América Latina: “Elton Live - Por Rafael Dentini”.

Os fãs maranhenses de Elton John terão uma oportunidade única de celebrar a carreira de um dos maiores astros da história da música e se emocionar com esse maravilhoso tributo em sua homenagem.

O evento acontecerá no dia 24 de março, no salão de festas do hotel Blue Tree Towers São Luís.

Produzido pela AMZ Company, o evento já foi visto por milhares de pessoas no Brasil, EUA e Europa e promete ser marcado pelos maiores sucessos da fase de ouro de Elton John, interpretados pelo músico paulista Rafael Dentini e uma banda incrível.

Além disso, a produtora oferece o serviço exclusivo Concierge AMZ, que permitirá aos clientes antecipar seus pedidos de consumação e garantir ainda mais conforto durante o espetáculo.

A programação incluirá, ainda, os DJs Sérgio Murillo e Giovanni Feghalli.

FESTIVAL SESI DE ROBÓTICA

O mês de março promete mexer com as emoções dos alunos de robótica das Escolas SESI-MA.

Entre os dias 15 e 18 de março, Brasília vai ficar super energizada com a chegada das equipes maranhenses classificadas para o nacional.

As mentes brilhantes da terra do babaçu e do bumba-meu-boi vão levar soluções inovadoras que prometem agitar o evento na capital do país.

Ao todo, 11 equipes maranhenses desembarcam em Brasília na próxima terça-feira, para uma emocionante disputa em três grandes competições que integram a temporada 2022-2023 do Festival SESI de Robótica.

No torneio, que terá como palco o estádio Mané Garrincha, em Brasília, os alunos classificados ou robotiquers, como preferem ser chamados, disputarão com times de todo o Brasil.



Fotos/Divulgação/Herbert Alves

O sócio regional, Marcelo Xavier, e o proprietário da unidade do Outback São Luís, Fábio Pereira

CHEGOU A SL O OUTBACK STEAKHOUSE

O Outback Steakhouse tem como compromisso também exercer seu papel de responsabilidade social em prol das comunidades em que suas unidades estão localizadas. Um desses exemplos é a ação beneficente realizada sempre no momento de abertura dos novos restaurantes, para uma instituição local. Em São Luís não seria diferente e a instituição escolhida foi a Fundação Antonio Jorge Dino. Durante a abertura do restaurante na última segunda-feira, no

Shopping da Ilha, foi entregue à instituição um cheque simbólico no valor de R\$ 20 mil revertido na doação de 200 Gifts Cards no valor unitário de R\$ 100,00. A venda desses vales-presentes, para posteriormente serem utilizados pelos clientes no Outback, é realizada pela própria fundação e a renda arrecadada é totalmente destinada aos seus projetos.

O objetivo da ação é ajudar instituições locais que prestam relevantes trabalhos sociais.



O secretário estadual de Meio Ambiente, Pedro Chagas, e Iuli Fernandes



A linda influenciadora digital Luanne Holanda



Amanda Couto e Leonardo César



Helen Cunha e o vice-presidente do Outback Brasil, Nazaré Barros



As irmãs Juliana e Jéssica Mendes



Leandro Furlan e Leandro Augusto



Representantes da Fundação Antonio Jorge Dino recebem de representantes do Outback cheque simbólico na abertura da unidade em São Luís: Marcelo Xavier e Fábio Pereira com Antonio Dino e a esposa Karin Carvalho, Arícia com o marido, Alice e André



A skatista Rayssa Leal participou da semana de moda de Paris. A atleta de 15 anos apostou em um conjuntinho colorido formado por blusa cropped de manga longa e saia com recorte assimétrico, além de acessórios pretos, uma bolsa com alça de correntes e coturno, que trouxeram ainda mais personalidade ao look. A medalhista de prata em Tóquio prestigiou o desfile da marca

RAYSSA LEAL

ostenta em luxuoso desfile da grife Louis Vuitton em Paris

A skatista maranhense Rayssa Leal voou alto para o topo da moda e marcou presença no desfile de lançamento da nova coleção feminina outono-inverno da icônica grife Louis Vuitton. Rayssa foi convidada para assistir ao desfile pelo diretor criativo feminino da marca, o estilista Nicolas Ghesquière, no Museu D'Orsay, onde foi montada uma passarela na cor de grafite que destoava da arquitetura palaciana em creme e dourado.

O evento transmitido ao vivo pela marca no último dia 6, começou às 10h30 (de Brasília) e tinha até um cronômetro para criar expectativa na contagem regressiva do começo do espetáculo.

A transmissão trouxe um making of da recepção dos convidados na entrada do museu e da movimentação da imprensa em frente ao Rio Sena. Ali se criou um "esquentar", algo como um pré-desfile, onde os convidados e celebridades desciam das vans e posavam para fotos, de artistas de filmes e séries, esportistas, cantores e fashionistas, todos vestidos com looks da grife.

Dois destaques: Jaden Smith, filho de Will Smith, que também é skatista e o novo diretor criativo masculino da marca, e o cantor e estilista Pharrell Williams, cujo apelido é Skateboard P.

O desfile começou 20 minutos depois ao som de sirenes, trovoadas e pingos de chuva e momentos onde o único som era do tráfego dos sapatos de salto alto das modelos. O desfile ainda teve dezenas de modelos e se encerrou meia hora depois...

Rayssa narrou sua trajetória por Paris

Em seus stories no Instagram, Rayssa detalhou sua aventura, mostrando a saída do Brasil com uma mala de viagem da grife

francesa, um tênis Nike em collab com o rapper Travis Scott, e até uma jaqueta da mesma marca com a etiqueta: Rayssa Leal Forward (para frente).

Rayssa ainda mostrou uma estátua gigante de Yayoi Kusama, artista performática japonesa sênior que ficou famosa no Maranhão durante um Almoço Carnavalesco do PH Revista com decoração inspirada em suas pinturas com pontos amarelos, vermelhos, azuis e brancos. E estampou toda uma coleção de Louis Vuitton que está em cartaz.

Mas a skatista também deu um spoiler das provas de roupa, que desfilou nesta semana no Museu de D'Orsay, com cinco looks à sua escolha. Já no museu, Rayssa exibiu seu sorriso tímido em um vestido de tom azulado com estampa de ladrilhos geométricos multicores, além de uma bota no estilo coturno de couro preto.

Com esse figurino, Rayssa fez questão de posar ao lado de Jaden Smith, que vestia um look quadriculado preto e branco e fotografou também com o estilista anfitrião que a convidou: o francês Nicolas Ghesquière.

Mais nova parceira da marca, a atleta é a mais jovem brasileira a ser convidada para estar presente em um desfile da marca. Rayssa foi uma escolha do próprio Nicolas Ghesquière, diretor criativo da Louis Vuitton, uma vez que o designer e a etiqueta estão sempre de olho em vestir personalidades multifacetadas.

"O skate tem relação com a moda. O modelo do tênis e a composição que você faz com as roupas, cada skatista tem seu estilo de vestir, e eu sempre quero estar com um look legal na pista. Em cada final de campeonato que participo, já penso na roupa e procuro uma peça diferenciada e, de preferência, assinada por algum estilista", disse a Fadinha em entrevista em Paris.



A skatista e campeã mundial na modalidade street foi convidada especial do estilista da grife, Nicolas Ghesquière, e se mostrou super feliz ao compartilhar o momento nas redes sociais.



Rayssa Leal, nossa campeã mundial de skate e Jaden Smith, filho de Will Smith, no desfile da coleção Outono-Inverno da Louis Vuitton em Paris



Mostrando que também tem o seu lado fã, Rayssa Leal fez questão de tirar uma foto com Pharrell Williams, o cantor e estilista que é o novo diretor criativo da grife Louis Vuitton

Fotos/Reprodução/ Rodrigo Jr.



Um vestido desenvolvido pela marca Camila Akemi para Rayssa Leal e que ficaram ainda mais especiais com as joias da HStern. O vestido era todo rosa com modelagem em corset na parte de cima e uma saia com fenda. Digno de princesa!

OS 15 ANOS DE RAYSSA LEAL

Rayssa Leal completou 15 anos em janeiro, mas, devido aos seus compromissos profissionais, inclusive o campeonato em Sharjah, nos Emirados Árabes, que a consagrou como campeã mundial de skate street, foi comemorar seu aniversário apenas na semana passada – e com direito a festão em sua cidade natal, Imperatriz, no Maranhão.

Em vídeo publicado pela skatista nas redes sociais, dá para ver um pouco dos preparativos da grande noite, a decoração do espaço, o momento fofo da valsa com o irmão dela, e até cenas do show do cantor L7NNON, de quem Rayssa é superfã. “Foi mágico e inesquecível”, escreveu na legenda.

E vamos aos detalhes dos looks! Foram três vestidos desenvolvidos pela marca Camila Akemi, que ficaram ainda mais especiais com as joias da HStern. O primeiro era todo rosa com modelagem em corset na parte de cima e uma saia com fenda. Digno de princesa!

Para completar, o penteado escolhido foi um cabelo semipreso com uma tiara de strass.

O segundo vestido foi este azul com decote ombro a ombro, paetês e uma saia volumosa. Ah, e a coroa não poderia faltar para arrematar o visual de fadinha vivendo um conto de fadas, né?

E, por fim, para curtir o resto da noite e dançar muito na pista, a atleta colocou um look mais confortável todo brilhante com franjas e tênis branco Louis Vuitton.



Para curtir o resto da noite e dançar muito na pista, a atleta Rayssa Leal colocou um look mais confortável todo brilhante com franjas e tênis branco Louis Vuitton



O segundo vestido usado por Rayssa Leal foi este azul com decote ombro a ombro, paetês e uma saia volumosa. Ah, e a coroa não poderia faltar para arrematar o visual de fadinha vivendo um conto de fadas



O penteado escolhido por Rayssa Leal foi um cabelo semipreso com uma tiara de strass, que fez muito sucesso na festa dos 15 anos da atleta

MANECO MULLER:

o pioneiro da crônica social inteligente consagrado com o pseudônimo de Jacinto de Thormes

Em 7 de dezembro de 2005 o Brasil perdeu um de seus maiores cronistas da vida mundana, com a morte, no Rio de Janeiro, aos 82 anos, do jornalista Manoel Bernardes Muller, mais conhecido como Maneco Muller e consagrado com o pseudônimo de Jacinto de Thormes, com o qual se tornou pioneiro do colunismo social no Brasil, em 1945, no "Diário Carioca".

Seu nome real era Manoel Antonio Bernardes Muller, mais conhecido como Maneco Muller (R.J. 1923 – 2005). Jornalista, cronista esportivo, e precursor do colunismo social no Brasil. Maneco Muller adotava o pseudônimo Jacinto de Thormes retirado de um personagem de Eça de Queirós no romance A Cidade e as Serras.

Ele trabalhou no Diário Carioca, Correio da Manhã e Última Hora, e na revista O Cruzeiro. Considerado "pai do colunismo brasileiro", seu estilo

extrapolou o ambiente das festas e lugares badalados, deixando transparecer um homem culto e refinado.

Muller era neto do ex-governador Lauro Severiano Muller. Nos últimos meses, antes de morrer, chegou a escrever a apresentação do livro Copacabana Palace - Um Hotel e Sua História, do jornalista Ricardo Boechat, que marcou as comemorações dos 80 anos do hotel.

Maneco Muller também atuou em televisão, em programas de entrevistas, debates, e noticiosos, era contratado da TV Educativa do Rio de Janeiro. E foi casado com Gilda Muller, também jornalista da mesma emissora.

Em 2006, a Prefeitura do Rio de Janeiro homenageou Jacinto de Thormes, dando seu nome a uma praça no bairro de Botafogo, na confluência das ruas Lauro Sodré e General Severiano.



Aos olhos do público, Jacinto de Thormes era um homem sofisticado que aparecia fumando um imponente cachimbo, com ares de lorde inglês

Uma história de sucesso

Quem foi o único brasileiro que teve o privilégio de trocar cochichos com Elizabeth II, a Rainha da Inglaterra? (aos que duvidam de tal façanha, recomenda-se que consultem nos arquivos públicos o exemplar do jornal Última Hora do dia 11 de novembro de 1968, uma segunda-feira: uma sequência de três fotos, publicadas com destaque na primeira página, registra a façanha).

Quem foi o visitante curioso que o dramaturgo Tennessee Williams, autor do clássico "Um Bonde Chamado Desejo", conduziu até um quarto todo vermelho, numa mansão em Nova York, não se sabe com que intenções?

Quem foi o jornalista atrevido que, aos vinte e dois anos de idade, criou, nas páginas do Diário Carioca, no já remotíssimo ano de 1945, "a primeira coluna social moderna do jornalismo brasileiro", como bem diz o verbete dedicado a ele na minieniclopédia "Ipanema de A a Z"? Antes, a chamada "crônica social" era entulhada de registros empolados de jantares, aniversários, viagens e outros acontecimentos menos votados. A partir do Diário Carioca, a coluna social ganhou vivacidade: passou a registrar, em notas curtas, grandes negócios, casos de amor, conchavos políticos. O modelo não se esgotou até hoje.

O único brasileiro que falou ao pé do ouvido da Rainha Elizabeth II, o repórter curioso que testemunhou a paisagem vermelha do quarto de Tennessee Williams e o jornalista atrevido que lançou, no Brasil, a base do colunismo moderno são um homem só: Manoel Antonio Bernardes Muller.

Aos pouco familiarizados com a biografia do jornalismo brasileiro, diga-se que ele ficou famoso como Maneco Muller. Se, ainda assim, o nome soar estranho, o que é improvável, acrescente-se que Maneco Muller tornou-se célebre sob um pseudônimo: Jacinto de Thormes (nome roubado de um personagem do excelente romance de Eça de Queiroz "A Cidade e as Serras").

Depois de aceitar de bom grado o pseudônimo que lhe foi sugerido pelo jornalista Prudente de Moraes, neto – um dos grandes do Diário Carioca –, Maneco Muller dedicou-se ao trabalho de criar, sob a marca Jacinto de Thormes, um personagem que o acompanharia, como uma sombra, por toda a vida. Aos olhos do público, Jacinto de Thormes era um homem sofisticado que aparecia fumando um imponente cachimbo, com ares de lorde inglês, nas "fotos oficiais" que ornavam suas colunas.

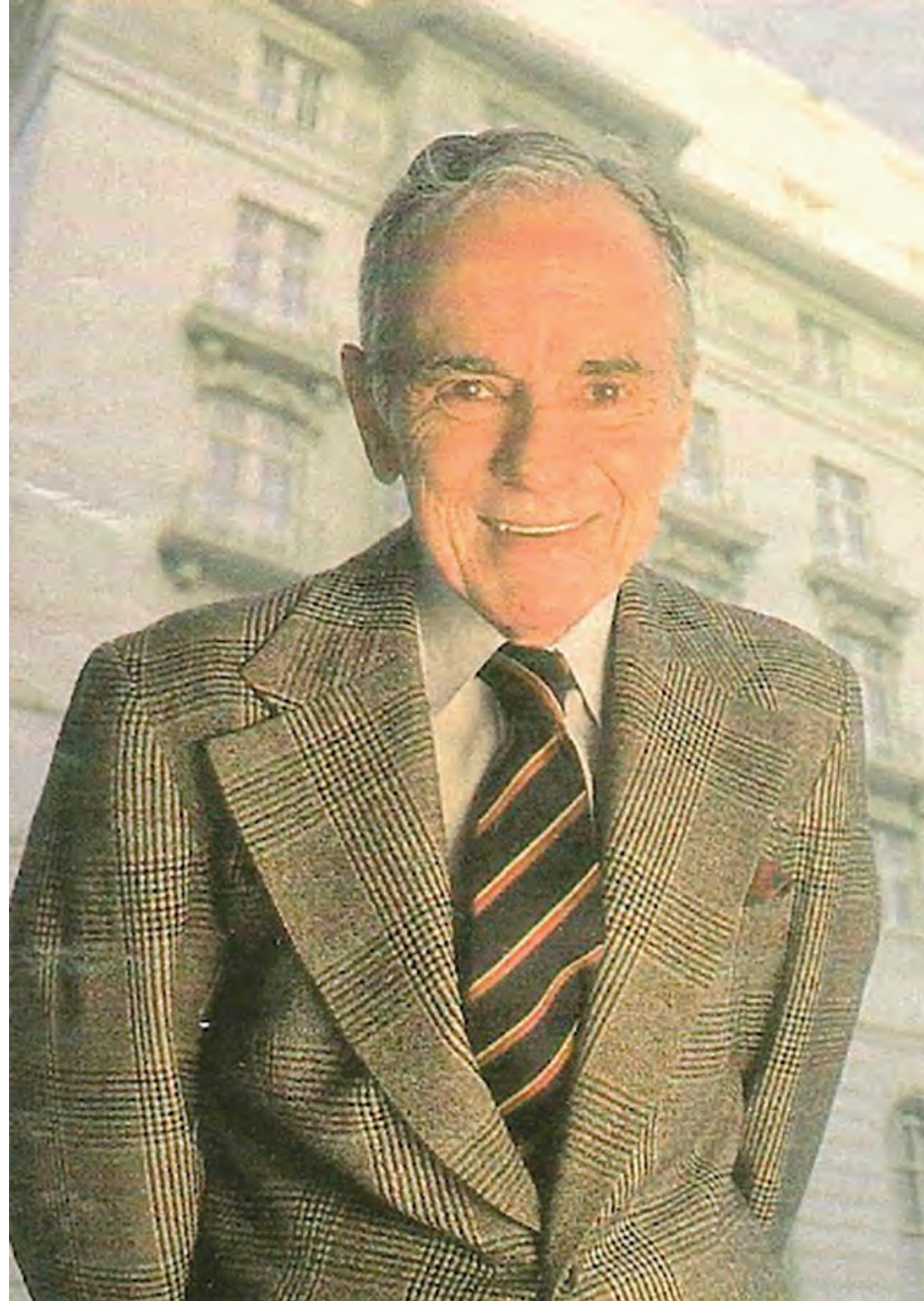
Confessava-se usuário de um pijama listrado que ficou famoso – sinal de que cultuava a elegância até na hora de dormir. Pronunciava nomes estrangeiros com sotaque britânico. Tinha um cão chamado William Shakespeare Júnior, personagem (real) de suas andanças. O cão chegou a merecer foto de página inteira numa revista de moda, em que aparecia usando um boné que caíria bem numa partida de críquete numa tarde de verão nos arredores de Wimbledon. O fato de criar uma celebridade canina dá a dimensão do poder de fogo de Jacinto de Thormes.

Além de circular nas "altas rodas", Jacinto de Thormes era um infatigável fabricante das Listas das Dez Mais Elegantes. Criou um modismo. As Listas passaram a ser publicadas em todo o País, em São Luís inclusive, em versões adaptadas ao gosto dos cronistas locais – os Jacinto de Thormes que se multiplicavam nas províncias. Igualmente, lançou a expressão "colunável". Por merecimento, Jacinto de Thormes entrou para a seleta confraria dos jornalistas que são notícia. Virou um "colunável" clássico.

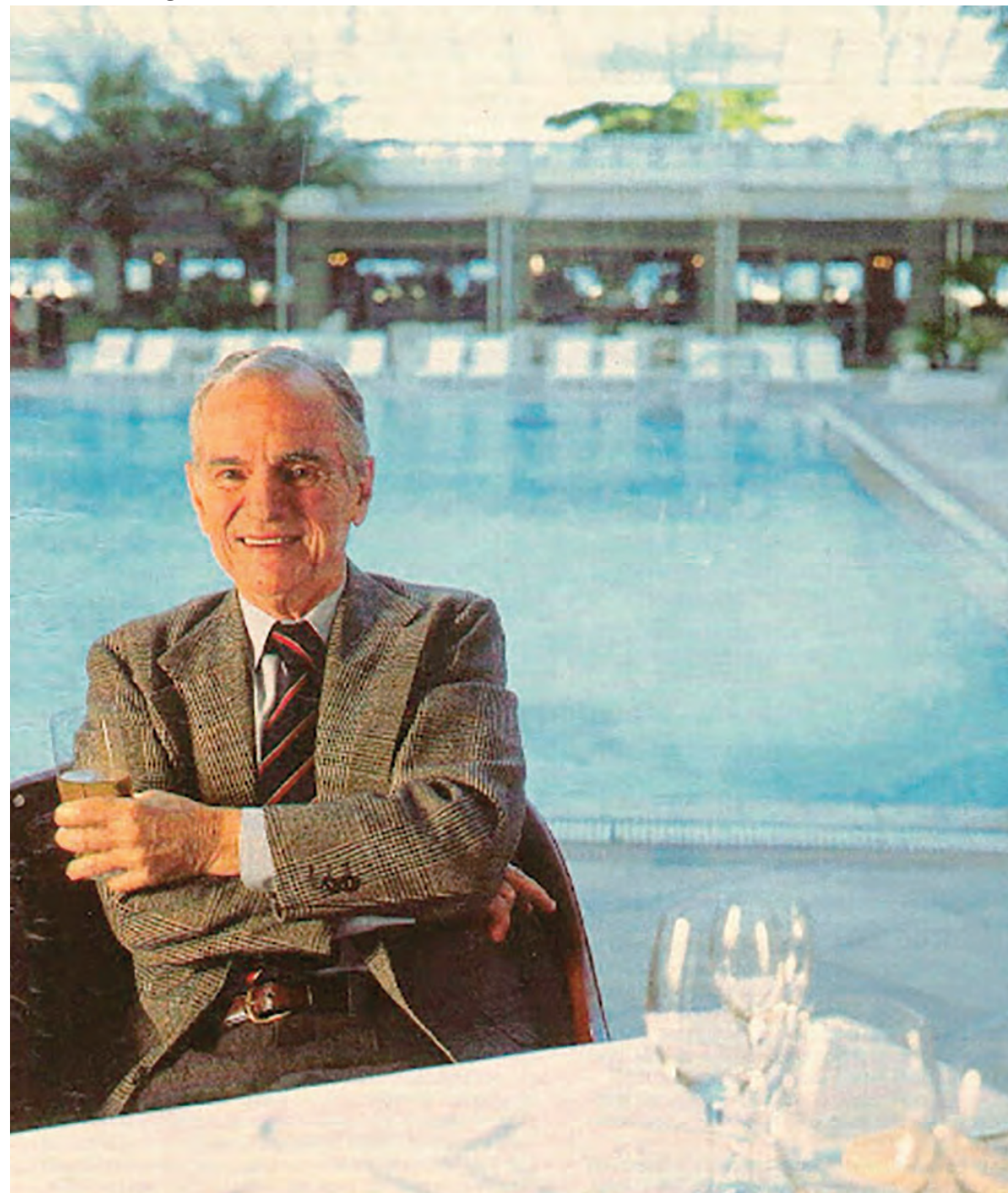
Aposentado depois de abandonar as colunas sociais para se dedicar à crônica esportiva (o futebol era uma de suas paixões), Jacinto de Thormes sumiu de circulação, até sair de cena, definitivamente, em dezembro de 2005, quando faleceu.

O cronista dos Anos Dourados documentou em suas colunas os tempos em que o Rio de Janeiro era um território idílico, nos idos da década de 1950. Que sentimentos teria Jacinto de Thormes diante de uma sociedade povoada por novos ricos, os "emergentes" que, dentro ou fora da Barra da Tijuca, faziam questão de exibir suas posses nas revistas de celebridades? Que confidências ele teria a fazer, hoje, sobre cenas indiscretas que não publicou, na época, por pudor ou excesso de zelo?

O Jacinto de Thormes da vida real – o cidadão carioca Maneco Muller – era bem nascido. Veio de uma família de diplomatas. A governanta entrou em



"Eu era cronista esportivo. Falava inglês – bem ou mal. Era um sujeito que não ia cuspir no chão nem fazer nenhuma grosseria..."



Jacinto de Thormes era um caso único, "um espécime em extinção, pertencente a uma fidalguia carioca, aquela elegância natural, autêntica, intrínseca"

cena porque os pais de Maneco se separaram quando ele tinha apenas três meses de idade. A mãe partiu para a Europa, em companhia de um marquês. Coube à governanta a tarefa de zelar pelo menino.

La Rocque apresentou Jacinto de Thormes ao PH

Nosso personagem foi apresentado a este Repórter PH numa tarde ensolarada durante um almoço – há exatos 43 anos – em março de 1980, oferecido pelo então senador Henrique de La Rocque de Almeida (1912 – 1982), no Rio de Janeiro. Elegantemente metido num blazer azul-marinho, camisa social abotoada nos punhos, calça cinza. Maneco se orgulhava de se manter em forma: "Não tenho barriga".

Do alto do 14º andar de um prédio no Flamengo, zona sul do Rio, Jacinto de Thormes contemplava, deslumbrado, a paisagem. Só há um adjetivo para definir a vista: é "cinematográfica". Nunca um lugar-comum caiu tão bem. Quantas mil vezes ele terá vasculhado com os olhos os contornos do morro do Pão de Açúcar? – Indaguei aos botões do meu blazer. Jacinto já havia perdido a conta. Mas ainda era capaz de soltar exclamações como "não existe nada parecido no mundo. Que vista, meu Deus do céu!".

Primeira conclusão: diante deste Repórter PH, uma alma irrevogavelmente carioca. Segunda conclusão: qualquer outra generalização seria perigosa. Porque Jacinto de Thormes era, como bem definiu a revista Vogue, um caso único, "um espécime em extinção, pertencente a uma fidalguia carioca, aquela elegância natural, autêntica, intrínseca".

Quem apostasse que o Jacinto de Thormes aposentado seria naquela época um dinossauro que vivia ruminando nostalgia dos tempos em que o Rio de Janeiro era a capital da Corte se enganaria redondamente. Porque, retirado da cena, ele via com curiosidade a ascensão dos "emergentes". Dizia ele que, atualmente, uma palavra resumia tudo: velocidade. Acabara-se o tempo em que os sobrenomes de famílias tradicionais desfilavam pelas colunas. Agora, gente que enriqueceu depressa passou a brilhar depressa nas colunas – mas desaparecia depressa também. Neste mundo, Jacinto de Thormes se sentiria deslocado. Mas não fazia as vezes de saudosista ranzinza.

Durante nossa conversa que durou uma tarde inteira, o homem revisitou cenas inacreditáveis que viveu ao lado de Elizabeth II, a Rainha da Inglaterra. Falou de Tennessee Williams. Descreveu o encontro que marcou com Gilberto Freyre porque queria saber quem chegaria primeiro à presidência da República no Brasil: um negro ou uma mulher. Faria uma radiografia dos novos tempos do soçate.

A seguir, trechos da entrevista que anotei há mais de quarenta anos e de outras revelações do jornalista que foram pinçadas de outras entrevistas dadas por ele em diferentes épocas.

Jacinto de Thormes volta a atacar

– O que é que os emergentes despertam no senhor: enfado,asco ou curiosidade jornalística? – Perguntel.

– "Tenho uma ideia formada. Precisamos olhar essa questão não como um simples fato, mas como consequência da velocidade do que acontece hoje. Em Botafogo, existe uma padaria que exibe uma inscrição: Fundada em mil oitocentos e não sei quantos. A tradição dava prestígio, dava credibilidade. Mas acabou! As pessoas precisam imaginar que uma 'emergente' é fruto do momento que vivemos hoje, dominado pela velocidade. Como o mundo muda, numa grande velocidade, se a mesma pessoa aparecer duas ou três vezes numa revista, dirão: 'Mas que chatô! De novo?'.

– Antes, valorizava-se a tradição. Hoje, o que é que se valoriza: é a riqueza rápida?

– "O sucesso hoje é esse. A Corte acabou! A diferença é essa: quem aparece hoje é gente que surge rapidamente e ganha dinheiro depressa. Não interessa o nome. O jogador de futebol que faz sucesso também vai para a Barra da Tijuca, porque, lá, ele compra, ele se faz, ele é importante. Mas não sou contra. Porque as pessoas não têm culpa. Não sou o sujeito esnoque que diz 'imagine você...! Não! A época atual pede que se faça tudo muito rápido, para durar pouco'.

- Qual era a dúvida que o senhor quis tirar com Gilberto Freyre, que recentemente level ao Palácio dos Leões, em São Luís, para visitar o então governador João Castelo?

– “Eu queria fazer alguma coisa diferente, além da coluna. Matérias que representassem alguma coisa. Procurei um banqueiro famoso. Mas o sujeito só falava de dinheiro e política. Não publiquei nada. Já Gilberto Freyre era o tipo da pessoa que sabia falar. Expansivo. Perguntei a ele: quem chegará primeiro à presidência da República – a mulher ou o negro? Gilberto Freyre achou ótimo. Disse, primeiro, que ‘o brasileiro não é uma raça, muito menos uma sub-raça ou meia-raça, como os subantropólogos querem, mas, sim, uma meta-raça’. Depois de muita habilidade e inteligência, acabou dizendo que o negro chegaria primeiro à Presidência”. Não chegou. Uma mulher, Dilma Rousseff, saiu na frente.

- A Rainha Elizabeth II desperta, à primeira vista, um sentimento de tédio, até entre os admiradores. O senhor – que teve o privilégio de conhecê-la como intérprete, na visita que ela fez ao Brasil em 1968, teve essa sensação também?

“A Rainha é uma funcionária pública perfeita. Um dos compromissos que ela cumpriu aqui foi ver, no Maracanã, um jogo da seleção de São Paulo, comandada por Pelé, contra a seleção do Rio, comandada por Gérson. Vi o jogo sentado ao lado da Rainha, perto do governador Negrão de Lima, que falava francês. Você sabe que não se chama a Rainha de Sua Majestade, a não ser em cerimônia. Chama-se de ‘madam’. A Rainha perguntou sobre as orquídeas que tinham sido distribuídas na Tribuna de Honra. Eu disse que as orquídeas tinham vindo da Amazônia. Fiz uma onda. Amazônia coisa nenhuma. Eram daqui mesmo”.

- O senhor achou que seria “rústico” citar a Amazônia ali, para a Rainha?

– “A Rainha entendeu que as orquídeas tinham vindo da Amazônia, mas eu, na verdade, disse que elas eram de um gênero amazonense, o que não deixa de ser verdade. Mas não sei, não entendo nada de flores. A Rainha achou ótimo. A gente tem de fazer essas coisas: é gentileza. De repente, ela me perguntou: ‘você não acha que esse jogo está um pouco lento?’. Não é boba. Eu disse: ‘Madam, o que acontece é que os jogadores que a senhora se acostumou a ver no estádio de Wembley são ingleses fortes e robustos, correm muito, são verdadeiros touros. O nosso jogador, madam, é uma cobra. Aliás, chamamos de cobra o nosso grande jogador. Porque ele de repente dá um bote’. A Rainha ficou me olhando impressionada. Para minha sorte, poucos minutos depois Pelé, que estava fingindo que o jogo não era com ele, de repente viu a brecha, gritou ‘dá’, driblou um, cortou o outro e quase fez um gol maravilhoso. A Rainha se virou pra mim e disse: ‘Isso é que é cobra?’. Eu disse: ‘Yes, madam, precisely’. O que ela fez? Olhou para o Príncipe Philip e perguntou: ‘Você sabe qual é a diferença entre os nossos jogadores e os brasileiros?’. Começou a contar ao marido a minha história, sem me pagar royalties”.

- A Rainha lhe deu a impressão de sofrer de uma certa falta de brilho pessoal?

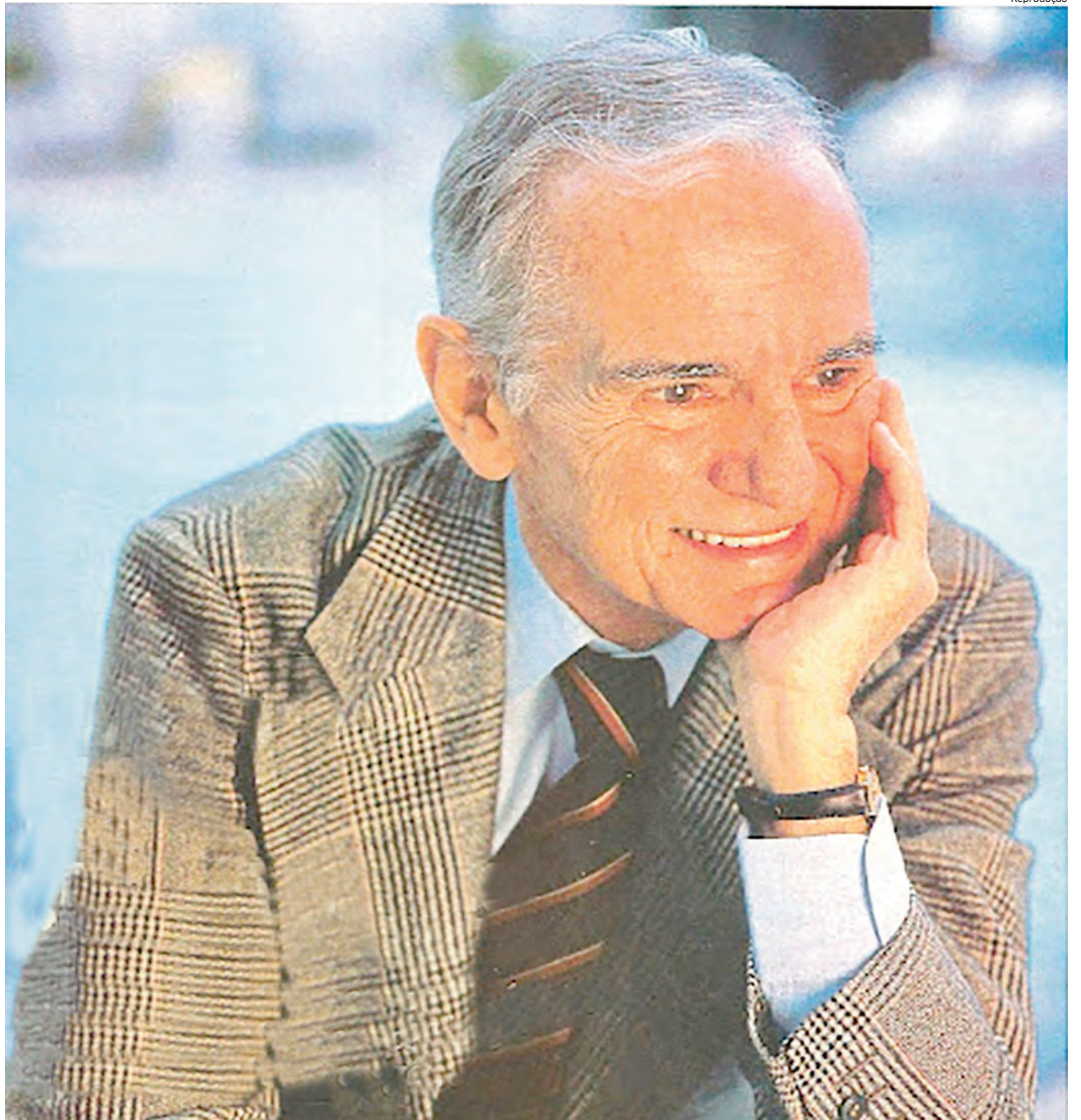
– “A impressão que a Rainha deu é a de que é uma pessoa triste. Aquilo deve ser muito, muito chato”.

- A Rainha, em situações normais, é inacessível aos jornalistas – inclusive os ingleses. A que o senhor atribui o fato de ter sido escolhido para atuar como intérprete? Bastou a amizade com o pessoal do Itamarati?

– “Eu era cronista esportivo. Falava inglês – bem ou mal. Era um sujeito que não ia cuspir no chão nem fazer nenhuma grosseria. Antes do início do jogo, quando o juiz Armando Marques entrou, a torcida começou a gritar ‘bicha! bicha! bicha!’. A Rainha me perguntou o que era aquilo. Que história era aquela de ‘bicha’? Eu disse que a torcida estava aplaudindo o juiz – que era muito popular no Brasil... Você veja o que é uma profissional. Quando, depois do jogo, se encontrou com o juiz Armando Marques, a Rainha disse: ‘Gostei de ver sua popularidade...’. Mas o Príncipe Philip soube o que queria dizer o coro da torcida, porque disseram a ele”.

- Lygia Fagundes Telles dizia que, quando esteve em São Paulo, o escritor William Faulkner abriu a janela do hotel e perguntou: ‘Isso aqui é Chicago?’. Bêbado, ele não sabia nem onde estava. O álcool entrou também nos contatos que o senhor teve com escritores americanos como Truman Capote e Tennessee Williams?

– “Não entrou outra coisa, além de álcool. A entrevista com Truman Capote eu nem cheguei a escrever. Para dizer a verdade, achei-o murcho, sem significação alguma. Fiquei com raiva. Decepcionado. Não dava para escrever nada. Eu também estava numa fase ruim. Não vou culpar os outros. Eu estava em Nova York, pela revista O Cruzeiro. Fiz também entrevistas com Tennessee Williams e Salvador Dalí. O verdadeiro Salvador Dalí era Gala, a mulher que o dirigia em tudo. Houve uma cena que considero terrível: Salvador Dalí sentou-se ao lado de uma senhora brasileira que estava em nosso grupo. Disse a ela: ‘Que mãos lindas! Eu poderia pintar as suas mãos?’. A mulher ficou encantada. Quem não quer? Dalí ficou de telefonar. A secretária de Salvador Dalí realmente ligou no dia seguinte: ‘O senhor Dalí gostaria muito de marcar uma data. Por falar no assunto: gostaria de dizer que o preço é...’. E falou em não sei quantos mil dólares. Que negócio terrível... – Já o Tennessee Williams me fascinava. Quando cheguei para a entrevista, encontrei cinquenta milhões de pessoas. Gim puro. Um porre sem tamanho. Bebe-se muito em Nova York. Quando essa



Nem emergentes, nem colunáveis: como vivem os cariocas que submergiram com elegância

gente se expande, não é brincadeira. A primeira coisa que Tenesse Williams fez comigo foi: ‘Deixe-me mostrar minha casa’. A gente nem conseguia ver a casa, em meio a tanta gente sentada por todo canto. Quando ele abriu o quarto, era tudo vermelho e dourado lá dentro. Por que o sujeito vai me mostrar um quarto onde não havia ninguém? Para que me mostrar um lugar todo vermelho que, para ele, era a parte fundamental da casa? Eu estou associando coisas. Não houve nenhuma insinuação.

– Quando contei umas histórias, ele me perguntou: ‘Mas era sexo normal ou diferente?’. Respondi que comigo era tudo normal. De repente, toca a campanha. Abre-se a porta. Aparece um rapaz lindo, bonito, rosado, com uns dois metros de altura. Ficou parado. Visivelmente, não conhecia ninguém. Tennessee viu o rapaz de longe, correu até onde ele estava: ‘Mas o que é que você veio fazer aqui?’. O rapaz estranhou: ‘Você não disse para vir?’. E Tennessee: ‘É amanhã, seu burro!... Não vê que hoje a casa está cheia de gente?’.

-Tarso de Castro escreveu: “O jornalismo se divide mais ou menos assim: no início, é uma conquista maravilhosa, uma briga para ver uma coisa que se escreveu sair no jornal. Depois, chega o tempo de ser o competente cara de jornal. Por esse tempo, há um dia em que se descobre que não temos nada de super-homens. Por fim, chega o tempo em que o cansaço se arrasta diante do fato de que, afinal, não éramos tão importantes”. Jacinto de Thormes viveu essas três estações?

– “Quanto a ser importante ou não, é relativo. Porque, na época, eu fui importante, sim. Fui importante porque, para começar, não me levei a sério. Prudente de Moraes, Neto me chamou para ser o que era antigamente “cronista social”. Era tudo muito francês – ‘tout en bleu’, ‘tout en rouge’. Eu achava aquilo uma frescura, mas, como precisava ganhar dinheiro, não pude recusar. Só não queria botar meu nome. Afinal, eu fazia esporte, frequentava academia de boxe. Iam me chamar de sei lá o quê se me vissem falando de vestido. Digo: vou levar esse negócio na brincadeira. Preciso de um pseudônimo. Prudente de Moraes disse: ‘Jacinto de Thormes!’.

– Eu não tinha lido ainda Eça de Queiroz. O que me impressionou, depois, é que o Jacinto de Thormes do romance de Eça de Queiroz “A Cidade e as Serras” é precisamente um camarada que vive em Paris mas permanece apegado ao lugarejo de onde veio. Já Eça de Queiroz viveu em Paris e em Londres. Não gostava de viver em Portugal. Era um sujeito esnobe, um grande escritor que escrevia numa língua que infelizmente não tinha a repercussão que ele gostaria que tivesse”.

- O senhor é apontado como o criador da primeira coluna social moderna do jornalismo brasileiro. De onde surgiu esse estalo? Você criou a coluna sob influência americana?

– “O personagem que criei tinha um cachorro chamado William Shakespeare Júnior – que me

acompanhava de verdade. Fomos a boates juntos. Era um cão muito educado. O personagem Jacinto de Thormes era uma maneira de me defender, porque o que eu queria era ser escritor. O Rio de Janeiro era capital da República. Comecei a frequentar o Senado e a Câmara dos Deputados, os homens de negócio. Passei a incluir esse mundo dentro das brincadeiras, as coisas mais suaves que eu fazia na coluna. A lista das dez mais elegantes era coisa americana. Mas as listas dos americanos não tinham a dimensão que as listas ganharam aqui no Brasil. Quando eu saía, as pessoas me paravam na rua para discutir a lista”.

- A criação desse formato de coluna foi influência americana?

– “Mas claro! Eu lia sobretudo o New York Times e o Washington Post e – de vez em quando – os jornais de Los Angeles, porque traziam a cobertura de cinema. As colunas que me influenciaram eram publicadas por esses jornais. Mas eu não podia fazer igual. Tinha de adaptar. Porque nos Estados Unidos havia colonistas que tinham um poder terrível: derrubavam fábricas, derrubavam shows, derrubavam pessoas.

- Aqui, fiz a brincadeira de inventar Jacinto de Thormes. As colunas americanas já tinham o formato de notas sincopadas. Devo dizer que o Rio de Janeiro tinha uma personalidade. Se estivessem no Rio, aqueles colonistas não escreveriam como escreviam nos Estados Unidos. O Rio era uma das cidades mais divertidas do mundo, como disse a revista Time. A cidade tinha, além da praia, os cassinos, os grandes shows e um lado que faço questão de citar: a cultura. Basta lembrar que Getúlio Vargas convidou Gustavo Capanema para ser ministro da Educação e Cultura. Capanema simplesmente pediu a Carlos Drummond de Andrade que fosse chefe de gabinete.

– O Modernismo – que foi paulista – veio explodir no Rio. Todos os grandes escritores, os Portinari, os Villa-Lobos, não apenas atuavam no Rio: a gente convivia com eles. É a diferença. Não era o intelectual lá e o social aqui. Evidentemente, havia na sociedade coisas fúteis. Mas eles participavam das revistas, havia o costume de todos irem ao Teatro Municipal para ver balé, ver ópera”.

- O senhor, que escolheu tantas elegantes, pode citar qual foi a figura mais deselegante que conheceu? Qual é o sinal de deselegância que mais lhe incomoda?

– “Quando eu ia fazer a lista, eu levava em conta também a inteligência. O que me incomoda? É a bonita e burra. Tenho horror a esse tipo de coisa. É a pessoa que se preocupa demais com a aparência, a ponto de não saber fazer outra coisa. Sempre digo: uma grande dama é sempre uma grande dama sem querer. De propósito, não é nunca! Porque não conseguirei comprar elegância, não conseguirei adquirir essa qualidade fazendo divulgação de si mesma.

– Uma pessoa não elegante pode ter boas maneiras. É outra coisa. Pode ser educada. É outra coisa. Pode ser culta. É outra coisa. Mas elegância reúne quase que todas essas inclusive cultura!”.

- Qual foi a personalidade mais surpreendente que você conheceu? Alguém que tenha surpreendido você no bom ou no mau sentido?

– “Vou dizer: Ibrahim Sued. Começou como fotógrafo. Era um sujeito humilde, com pouca escolaridade. Conseguiu uma coisa formidável. Eu, que comecei dez anos antes de ele surgir no jornalismo, percebi que ele tinha um faro jornalístico incrível. Podia ser ignorante. Mas de burro não tinha nada. Um dia, olhou para minha biblioteca. Perguntou: ‘Diga-me uma coisa: para que serviram, na sua carreira, esses livros todos?’.

Sob o ponto-de-vista de Ibrahim, era uma pergunta excelente. Uma vez, eu disse a ele: “Você fatura até erro de concordância”. Ele me respondeu: “Você sabe Português mas não fatura nada”. Ibrahim tinha toda razão. Era um camarada surpreendente”.

- Darcy Ribeiro dizia que a gente tem aqui no Brasil uma das elites mais cruéis do mundo. O senhor – que conviveu com nossa elite no que ela tem de bom e de ruim – assinaria embaixo desse julgamento?

– “É preciso ver nossa história. Os ingleses que saíram para os Estados Unidos foram formar um lugar, um país. O patriotismo americano é impressionante. Vê-se bandeira por todo lado. Já os jesuítas vieram ao Brasil por uma questão de ordem. Os portugueses não vieram fundar nada. Vieram tirar o que era possível tirar, assim como os espanhóis. A diferença é essa: em vez de dar, tiraram.

– Nós também não conseguimos tomar certas decisões nacionais que exigem personalidade. Falta igualmente uma unidade. São Paulo trabalha, o nortista emigra, a Bahia se diverte, o Rio Grande do Sul comanda, o Rio de Janeiro vive e Minas Gerais conspira. As diferenças podem até ser fantásticas. Mas não há no Brasil uma união de ideias – o que termina se tornando uma grande dificuldade brasileira. A elite brasileira não é uma só. São várias as elites. De vez em quando, são péssimas. Em áreas importantes sob o ponto de vista popular, como no futebol, por exemplo, a elite não pode ser pior do que é agora”.

- Se Maneco Muller fosse escrever hoje sobre Jacinto de Thormes, qual seria o primeiro parágrafo?

– “Jacinto de Thormes foi uma farsa, um mentiroso, não era nada daquilo. Criou aquele negócio. O pior é que pegou. Todo mundo veio atrás. Fico contente com o que fiz. Jacinto de Thormes carregou Maneco Muller nas costas. Mas sem Maneco Muller, seus erros, seus pecados, seus vícios e algumas qualidades, o Jacinto de Thormes não teria existido”.

- O senhor considera o Jacinto de Thormes pai dos colunistas sociais que estão aí hoje?

– “Não sei de pai nem mãe. Mas fui o primeiro”.

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

@evandrojr

@evandrojr

Fotos/Divulgação



Paula Guimarães em registro no Índia Gate, em Nova Deli

Paula Guimarães em retiro espiritual na Índia

A influenciadora digital e empresária Paula Guimarães voltou a fazer o que mais gosta: viajar pelo mundo. Recentemente, ela esteve na Índia, onde recargou as energias e fortificou seu lado espiritual.

Paula hospedou-se em um eremitério na cidade de Rishikesh, onde ficou completamente offline. O celular foi substituído por livros e ela cumpriu uma intensa rotina de cuidados espirituais que começavam às 5 e meia da madrugada e terminavam por volta das 9 da noite.

A alimentação era exclusivamente vegetariana, obtida de alimentos plantados e colhidos na própria propriedade. Ela também fez o voto de silêncio, ou seja, passou vários dias sem pronunciar uma palavra, apenas refletindo.

A viagem foi também para conhecer mais sobre o país. Na capital, Nova Deli, Paula fotografou no Índia Gate, monumento em homenagem aos 70 mil militares que morreram na Primeira Guerra Mundial.

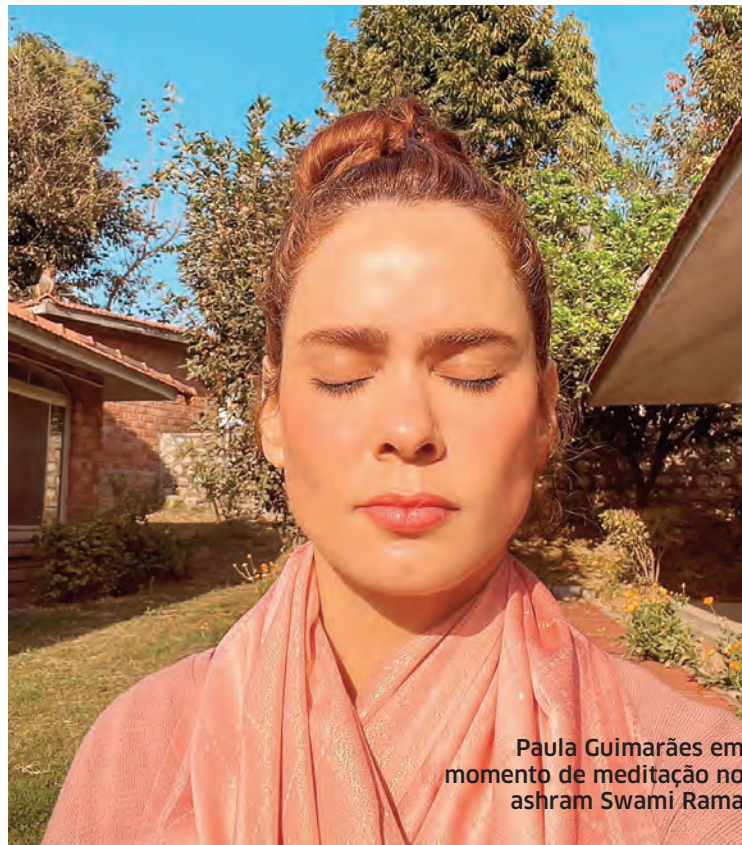
A influenciadora registrou, ainda, sua passagem pelo Lodhi Gardens, um parque urbano situado em Nova Deli, onde estão os túmulos de Mohammed Shah, Sikandar Lodi, Shisha Gumbad e Bara Gumbad, importantes figuras da história da Índia.

Ela também esteve no Agrasen Ki Baoli, antigo reservatório de água muito comum em épocas antigas, onde atualmente há apenas ruínas para visitação.



No Lodhi Gardens, parque urbano situado em Nova Deli

A influenciadora digital em Rishkesh, cidade onde ficou, no ashram Swami Rama, um eremitério espiritual



Paula Guimarães em momento de meditação no ashram Swami Rama

Paula no antigo e charmoso Agrasen Ki Baoli, antigo reservatório de água



A EMPREENDEDORA MARANHENSE DANIELLA ANDRADE, proprietária da D. Andrade, que participou, na sexta-feira (10), na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), de um evento com presença da ministra da Saúde, Nisia Trindade, cientista, pesquisadora e a primeira mulher a chefiar o Ministério da Saúde. Daniella acumula anos de experiência na área de saúde corporativa. Entre outras coisas, a empresa que ela comanda realiza consultoria, auditoria, cursos, treinamentos e também terceiriza profissionais das áreas de saúde e educação em suas ações junto a diversas empresas em atuação nos estados do Maranhão, São Paulo e Brasília



REGISTRO DA PRESENÇA

de Fernando Coelho, gerente de Marketing da Terra Zoo, na mais importante feira de varejo do mundo, a EuroShop 2023. Fernando foi um dos 81 mil visitantes de todo o mundo que foram conferir de perto as novas tendências no varejo mundial



Igor Guimarães em show de humor

O humorista de stand up comedy Igor Guimarães apresenta, neste sábado, às 19h30, no Centro de Convenções, o espetáculo "Benignismo", trazido pela Dux Produções. Sucesso de bilheteria, a comédia solo apresenta repertório bem-humorado e divertido com tiradas rápidas, improvisos e músicas de sucesso do artista, que levam o público às gargalhadas. Igor Guimarães é comediante desde 2009. Em 2017, ele participou do quadro Master Trash, do Pânico na Band, e, exatamente pelo estilo diferenciado, foi contratado pelo programa, onde criou os personagens Boneco Josias e Índio Ana Jones. Atualmente, faz parte do time da Guaraná Antártica "Coisa Nossa", onde grava vídeos hilários para o canal da marca no YouTube. Também participa do casting da Non Stop, empresa referência em marketing de influência.

Igor Guimarães se apresenta neste sábado em São Luís



• - O novo presidente da Agência de Mobilidade Urbana e Serviços Públicos (MOB) do Maranhão, Adriano Sarney (PV), anunciou que o órgão pretende retirar da MA-203, na área do Araçagi, a faixa exclusiva de BRIs.

- Segundo ele, uma reunião com a Caixa Econômica Federal, que financia o projeto, está marcada para a próxima semana para tratar do assunto.

- A obra, realizada com recursos federais no governo Flávio Dino, é constantemente criticada por moradores da região e por usuários da via.

- Neste sábado, a Potiguar promove uma programação especial para as clientes na loja da Cohama, com muita informação e técnicas de beleza.

- Para quem quiser aprender técnicas de maquiagem, a partir das 9h30 acontece o workshop "Descomplicando a Maquiagem", comandado por uma das mais famosas e competentes profissionais de beleza da Ilha: a maquiadora Flávia Mota.